

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Revista da Imprensa* e o *Diário da Manhã*. Foi também autor de obras de ficção, como *O Cangaço* (1911) e *O Cangaço* (1912), com o pseudônimo de Antônio de Albuquerque.

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, sob a orientação do professor doutor João de Deus, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em 1998. A tese foi aprovada em 1999, quando foi eleito presidente do conselho. Atualmente, reside em Fortaleza, Ceará. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, engenheiro, montou o quadro acadêmico, ocasião em que o nome de sua academia foi escolhido: Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO

1906-1978

Vence a Fúria e o Desejo,  
Que se iluminam de luz,  
Das cinzas do Proconceito  
Recupera novos ideais,  
Trazendo a fim a unidade,  
Magnando a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um povo que se redime,  
É um exemplo sublime,  
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna das pássaros.

## JÚLIO MACIEL

Júlio Barbosa Maciel nasceu em 28 de abril de 1888, na cidade de Baturité, Ceará, e faleceu em Fortaleza no dia 8 de fevereiro de 1967, com 79 anos incompletos. Bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi promotor público, juiz municipal e juiz de Direito em várias cidades do interior cearense.

Poeta de feições parnasianas com notas simbolistas. No dizer de Otacílio de Azevedo apresentava “pureza de linguagem, metrificação perfeita, profundo sentimento”, o que fazia dos seus sonetos “uma peça de arte de fino labor literário”. *Terra mártir*, seu primeiro livro de poesias, foi publicado em 1918, prefaciado por Emílio de Menezes. A segunda edição foi publicada em 1937. Outras obras: *Os versos de ouro de Pitágoras*, 1925; 2ª. ed. 1956; *Poemas da solidão*, 1943; e *O ABC do padre Cícero*, 1944.

Ingressou na Academia Cearense de Letras por ocasião da primeira reorganização, em 8 de setembro de 1922, ocupando a cadeira 38. Em decorrência das reorganizações sofridas pela ACL em 1930 e 1951, ocupou, respectivamente, as cadeiras 24 e 28, cujo patrono é Mario da Silveira.

### JACARECANGA

*Rebelde e forte, aqui, outrora se implantava  
A taba indiana – aqui, onde a alma lua cheia,  
Pródiga, a derramar em cachões a luz flava,  
- Agora a estes casais a fachada clareia.*

*Quanta vez trom de inúbia, entrechocar de clava  
Não vibrou pelo azul que sobre mim se arqueia!  
Praia! o tropel da tribo em correria brava  
Quanta vez não sentiste a sacudir-te a areia!*

*E embora tu, Passado, a lenda antiga escondas,  
Eu sei que o amor também floriu aqui: - no treno  
Da aragem, no marulho eloqüente das ondas, -*

*Parece-me inda escuto, em meio à noite clara,  
- O selvagem rumor dos beijos de Moreno  
E as falas de paixão da meiga Tabajara!*

VERDE

*Há uma ressurreição no Sertão rudo.  
Uma ressurreição! – Verde e risonho  
É o vale, verde a serra, é verde tudo  
Em que os meus olhos, deslumbrado, ponho.*

*Bruto alcantil de aspecto mau, desnudo  
Esvão de terra, ríspido e tristonho,  
- Agora, tem branduras de veludo,  
Verdes agora os vejo, como em sonho!*

*Em cisma, a sós, contemplo verde liana,  
Verde, tão verde, com carícia humana  
As ruínas afagando a uma tapera.*

*E na contemplação que me não cansa,  
Sinto quão doce és tu, cor da Esperança,  
- Até nos olhos de quem nada espera...*

O RELÓGIO

*Invadindo a mudez de uma noite sombria,  
O relógio roufenho e soturnal escuto;  
E não sei que de mau sua voz pressagia,  
Fazendo-me cismar na tristeza e no luto.*

*Demolidor voraz – impassível, porfia.  
O pêndulo oscilante é o camartelo bruto:  
- Todo o Passado já tornou em ruínia  
E o Presente faz ruir, minuto por minuto.*

*Com sinistro ponteiro em lâmina sinistra,  
Marca as horas de dor, moroso, lento, lento,  
E instantes de prazer precipite registra.*

*E nessa mesma voz, que oiço da noite em meio!  
Ele, que proclamou meu primeiro momento,  
Há de um dia anunciar meu derradeiro anseio.*